



A INFÂNCIA DO FILÓSOFO ANTON WILHELM AMO EM ÁFRICA

ANTON WILHELM AMO'S CHILDHOOD IN AFRICA

Fernando de Sá Moreira*

Universidade Federal Fluminense – UFF

<https://orcid.org/0000-0002-9545-435X>
fernandosm@id.uff.br

RESUMO: Embora pouco conhecido no Brasil, o filósofo africano Anton Wilhelm Amo, nascido no litoral da Costa do Ouro (atual Gana) por volta dos primórdios do século XVIII, tornou-se um importante marco no debate sobre a filosofia africana e afrodiaspórica. O presente artigo investiga e discute sua infância em África, a fase de sua vida menos conhecida. Com base em pesquisas contemporânea e documentos de época, apresento e discuto o que se sabe sobre seu nascimento, sua família e a condição sob a qual foi levado à Europa em 1707.

PALAVRAS-CHAVE: Anton Wilhelm Amo; filosofia africana; filosofia afrodiaspórica; Nzema.

ABSTRACT: Although not well known in Brazil, the life of African philosopher Anton Wilhelm Amo, born in the Gold Coast (present-day Ghana) around the beginning of the 18th century, became an important milestone in the debate on African and Afrodiasporic philosophy. This paper investigates and discusses his childhood in Africa, the least known period of his life. Based on contemporary research and documents from Amo's period, it present and discuss what is known about his birth, his family, and the condition under which he was taken to Europe in 1707.

KEYWORDS: Anton Wilhelm Amo; african philosophy; afrodiasporic philosophy; Nzema.

* Doutor em Filosofia pela PUCPR . Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense na área de Filosofia da Educação e Epistemologia das Ciências da Educação.

CONTEXTO LOCAL E TEMPORAL

Anton Wilhelm Amo foi um filósofo *sui generis*. Tendo nascido na África, foi levado ainda criança para a Europa Central, onde passou grande parte de sua vida. Há boas razões para crer que, na verdade, ele foi conduzido na condição de escravizado ao continente europeu. Com o tempo, no entanto, chegou a construir uma carreira como filósofo e professor universitário de certo prestígio na Alemanha, antes de empreender uma viagem de retorno à sua terra natal aos cerca de 45 a 50 anos de idade.

Ele passou por três importantes universidades europeias, Halle, Wittenberg e Jena; e desenvolveu pesquisas em diversos campos de saber, especialmente história, direito, medicina, epistemologia, lógica e retórica. Ao longo dos séculos houve vários ciclos de interesse por sua vida e sua obra. Falando historicamente, dois de seus trabalhos despertaram maior atenção. Sua obra mais estudada é, sem dúvida, Sobre a Impassividade da Mente Humana (1734), no qual se envolve no debate filosófico acerca da relação corpo e mente/alma. Segundo sua perspectiva, a mente (ou alma) humana é puramente ativa, não lhe cabendo qualquer passividade. Conseqüentemente, não lhe compete qualquer paixão ou mesmo capacidade de percepção do mundo: toda percepção, assim como todas as paixões estão relacionadas unicamente ao corpo.

Todavia, o trabalho de Amo que costuma despertar maior curiosidade foi defendido alguns anos antes, em 1729, sendo intitulado Sobre o Direito dos Africanos na Europa. Trata-se lamentavelmente de um trabalho não conservado até os dias atuais, do qual apenas temos menções indiretas. Acredita-se que nele Amo defendeu a ilegalidade da escravização de africanos pelos europeus. Sua argumentação seria fundamentada principalmente na história das relações entre Roma e África e no direito romano, no qual grande parte da jurisprudência europeia da época se via baseada. Sendo essa a argumentação de Amo, isso lhe garantiria um status pioneiro: estaria entre os primeiros africanos antiescravistas a defender publicamente suas ideias na Europa.

Infelizmente, os registros de sua trajetória pessoal e intelectual são poucos e repletos de lacunas. Mesmo quando se tenta acompanhar o ápice de sua carreira na Europa, esbarra-se frequentemente em uma série de perguntas sem respostas e informações incompletas. O objetivo deste artigo é apresentar e debater o que se sabe – e o que se pode saber – sobre um dos períodos menos conhecidos da vida de Amo: *sua infância na África e o contexto local em que estava inserido*.

Sua história começa no início do século XVIII e tem seu ponto de partida no litoral africano. Para ser mais preciso, ela começa na porção oeste daquela que era então conhecida pelos europeus como Costa da Ouro, no Golfo da Guiné. Até onde se sabe, Amo pertencia muito provavelmente à etnia¹ predominante no local, os nzema, que compõem, junto com outras várias grupos socioculturais intimamente aparentados, o grande grupo dos acã (ou akan).

Desde um ponto de vista africano, a região vivia as fases finais de um deslocamento relativamente rápido das esferas de poder das regiões mais ao norte, às margens do deserto do Saara, para as regiões mais próximas ao mar. Se tomarmos, por exemplo, o período entre os séculos XI e XVI, veremos diversos, ricos e vastos estados africanos atuando na porção ocidental do Sahel, tal como Gana, Mali e Songai. Ao passo que, ao longo dos séculos XVI e XVII, houve a consolidação e fortalecimento de uma série de novas potências nas regiões mais próximas à costa, como Axante, Daomé, Oió e Benim.

Antigas e novas potências africanas eram compostas por sociedades bastante complexas, organizadas das mais diversas formas. Diferentemente de certas imagens preconceituosas sobre a região, que costumam retratar a África como uma terra de homens “primitivos”, na qual, antes dos primeiros contatos com europeus, cada “tribo” se encontraria fechada em si mesmo, a verdade é que aqueles estados tinham, desde muito antes dos processos de colonização europeia, intensas e complexas relações sociais, diplomáticas, comerciais e militares entre si, bem como com estrangeiros.

De fato, a região da África Ocidental estava há muito tempo conectada ao comércio intra e intercontinental. Antes dos contatos marítimos com os europeus a partir do século XV, as principais rotas comerciais se davam através do Saara, ao norte. Porém, a abertura de caminhos marítimos ao sul – primeiramente através dos portugueses e, logo depois, de toda sorte de outras nações europeias – expandiu as possibilidades de comércio, sendo um dos fatores que favoreceram o fortalecimento dos estados africanos mais próximos à costa.

À época, os nzema não possuíam uma unidade política, encontrando-se divididos em vários pequenos estados. Tais organizações estavam frequentemente subordinadas às

¹ Apesar do emprego do termo etnia aqui, é preciso alertar que esse é um conceito que frequentemente conduz a muitos equívocos. Ele está muitas vezes mais associado a uma forma de designação exógena do que endógena. Amiúde também conduz o leitor a imaginar um grupo isolado, “primitivo” e mais ou menos parado no tempo. Não é certamente o caso aqui. Para mencionar apenas os nzema, ele não é de forma alguma, um grupo formado por indivíduos absolutamente homogêneos entre si, tampouco é possível essencializá-lo, como mostram os estudos de Macedo (2021), M'Bokolo (2008), Nyame e Tomekyin (2018), Palumbo (1992), e Valsecchi (2011).

potências acã dominantes do entorno. Apenas na metade final do século XVIII, foi consolidado o estado Nzema de Apollonia (VALSECCHI, 2011, p. 19).

De fato, até 1701, Denquiera era particularmente forte naquelas paragens, possuindo certo domínio sobre alguns de seus estados vizinhos. Ele localizava-se ao sul de Axante e ao norte da região ocupada pelos nzema. Mas, então, na virada ao século XVIII, os axante – até então subordinados a Denquiera – se tornaram fortes o suficiente para inverter as posições de domínio (M'BOKOLO, 2008, p. 443ss.). Sua capital, Kumasi, é ainda hoje uma importante cidade de Gana e fica a cerca de 300 km de Axim. Antes de suas expansões, que ocorreram em meados do século XVIII, o território axante não chegava formalmente ao litoral. Mas, mesmo assim, sua projeção de poder influenciava e, em alguma medida, subalternizava as organizações políticas e comerciais da costa, garantindo aos axante o controle prático da região.

Esse momento é significativo, porque coincide aproximadamente com o nascimento do filósofo Anton Amo. É de se imaginar a preocupação dos parentes mais velhos de Amo, enquanto presenciavam as diversas tensões pela consolidação do poder naquela região, então submetida a novas e intensas dinâmicas políticas, econômicas e militares.

Aos olhos dos europeus, o “continente negro” era fonte de todo tipo de riquezas e vantagens diretas ou indiretas, sejam elas econômicas, logísticas ou religiosas. Portanto, explorá-lo era visto como um caminho desejável, para que as nações europeias pudessem ver seu poder e influência aumentarem significativamente. Contudo, antes do século XIX, o interior da África era pouco conhecido pelos europeus. Ou seja, nos tempos de Amo, ainda que fossem capazes de projetar muita influência para o interior do continente, os europeus haviam colhido poucos sucessos na promoção de experiências coloniais com ocupação extensiva e direta das terras. Na maior parte dos territórios, eles se mantinham instalados mais próximos das praias, onde erigiam uma infinidade de postos de comércio, fortificações militares, estruturas administrativas, religiosas e, eventualmente, alguns vilarejos e colônias. Não raro, tudo isso funcionava mais ou menos amalgamado, sendo muito difícil separar os espaços e os interesses civis, militares, religiosos e comerciais nas diversas feitorias europeias pelo continente.

Já à época de Amo, a região do Golfo da Guiné era habitualmente subdividida em 4 “Costas”, que eram limitadas mais propriamente por marcos de navegação costeira do que por qualquer organização política ou social dos povos que habitavam a região. Considerando-as de oeste para leste, a primeira delas era a Costa da Pimenta, localizada

aproximadamente onde se encontra o litoral da atual Libéria. A faixa litorânea seguinte era a Costa do Marfim. A seguir estava a Costa do Ouro. A depender do momento histórico e do mapa utilizado, ela estendia-se desde aproximadamente o canal de Assinie até a região de Lagos, na atual Nigéria, ou mesmo até o delta do Rio Níger. Porém, na maior parte dos casos, considerava-se que a Costa do Ouro se estendia somente até foz do Rio Volta, dentro do atual Gana. E, por fim, à leste do Rio Volta começava aquela que ficou conhecida como Costa dos Escravos. Esta se estendia normalmente até a região de Lagos ou mesmo até o delta do Rio Níger, ou seja, pela faixa costeira de parte do atual Gana até a Nigéria, passando por Togo e Benim.

Entre os portugueses, era comum que as duas ou mesmo três últimas Costas fossem designadas em conjunto como “Costa da Mina”. O nome deriva do abundante comércio de ouro na região. As minas eram abundantes no território acã e a ourivesaria era uma atividade culturalmente relevante. Dessa designação, surgirá a classificação de alguns escravizados no Brasil como “escravos mina”, bem como o nome da religião de matriz africana “Tambor de Mina”.

É preciso dizer que não se devem tomar essas nomenclaturas, como se descrevessem os únicos produtos comerciais de cada faixa litorânea. O comércio e as trocas em todas as costas mercantis eram variados. Pelos seus entrepostos passavam, entre outras coisas, especiarias, tabaco, aguardente, armas, metais, pedras preciosas e, como não poderia deixar de ser, seres humanos escravizados. Grande parte das pessoas escravizadas na América, de norte a sul, inclusive no Brasil, foram negociadas e embarcadas na região da Guiné (DORIGNY e GAINOT, 2017, p. 28). De fato, a região ficou tão caracterizada como fonte de escravos, que aquilo que chamamos no Brasil de “navio negreiro” ou “tumbeiro” ficou conhecido em localidades anglófonas como “*guineamen*”.

Como o comércio e o tráfico na África Ocidental eram muito vantajosos e estratégicos, eles eram também, por isso mesmo, muito disputados entre os próprios europeus. Em outras palavras, as estruturas militares europeias na região tinham uma dupla função: proteger seus proprietários dos africanos; e, principalmente, proteger os entrepostos de cada potência europeia contra as investidas das demais potências europeias. Na verdade, a competição entre europeus era tão significativa, que a maioria dos canhões que protegiam os fortes costumavam ser apontados para o mar, não para a terra. (FERREIRA, 2010)

A própria cidade de Axim, na porção ocidental da Costa do Ouro, é um exemplo desses múltiplos jogos políticos africanos e europeus. Por um lado, parece ter sido

pressionada pelas trocas de influências entre as potências africanas de Denquiera e Axante. E, por outro lado, estava fortemente conectada às atividades dos europeus.

Os portugueses foram a primeira presença europeia de destaque, sob a influência da qual Axim estivera por mais de um século. O primórdio dessa presença é marcado pela construção do Forte Santo Antônio de Axim, em 1515. Àquela altura, os portugueses também já haviam erigido o Forte (ou Castelo) de São Jorge da Mina, em 1482, na cidade que posteriormente passou a ser conhecida como Elmina. Também não tardou para que fosse erguida uma outra fortificação nas proximidades, o Forte São Sebastião de Chama, concluído em 1526 e reformado em 1546.

Portugal se interessava significativamente pela mão de obra africana escravizada desde o final do século XV. O objetivo era o abastecimento das empreitadas coloniais que conduzia em São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e, ulteriormente, no Brasil. O pequeno país ibérico atuava como principal produtor de açúcar do ocidente, mas, para que isso fosse possível, dependia tanto da exploração de territórios africanos e americanos quanto de enormes quantidades de mão de obra escravizada. Por isso, a obtenção de escravizados na África Ocidental era tão estratégica e almejada pelos portugueses, assim como por outras potências europeias.

Ao longo do século XVII, o quase monopólio comercial, bem como os domínios portugueses no Golfo da Guiné passaram a ser profundamente ameaçados por outras nações. No caso da região de Axim, a principal ameaça veio, sem dúvida, dos holandeses. Estes não estavam apenas interessados em reverter a posição de Portugal na costa africana, mas também na América. Conseqüentemente, os conflitos entre portugueses e holandeses se desenrolaram mais ou menos em simultâneo no Golfo da Guiné, na África Central e no nordeste do Brasil.

Foram décadas de escaramuças entre eles e, ao fim e ao cabo, elas resultaram em graduais, mas significativas vitórias holandesas até aproximadamente 1650. Falando especificamente das posses na costa africana, A fortificação de Elmina caiu sob domínio holandês em 1637 e as de Chama e Axim em 1642.

A princípio, aqueles territórios tomados na Costa do Ouro continuariam a alimentar o sistema genocida de produção de açúcar no nordeste brasileiro sob controle holandês. Mas, isso não durou muito, já que os holandeses viram suas conquistas no Brasil serem revertidas ainda na década de 1650. Os portugueses lograram também retomar rapidamente o controle perdido na África Central. No entanto, as posses portuguesas na Costa do Ouro tinham sido definitivamente perdidas. Apenas no final do século XVII, os

portugueses voltaram a manter atividades comerciais naquela localidade, porém sem dispor de entrepostos próprios e por intermédio das demais potências europeias (FERREIRA, 2010).

Mesmo com a perda do nordeste açucareiro no Brasil, o comércio holandês de seres humanos continuou a ser atraente e lucrativo, pois a demanda de mão de obra escravizada seguia em expansão nas demais colônias americanas sob seu controle, além, é claro, do comércio de escravos com membros das outras potências europeias e suas respectivas colônias. No fim das contas, o controle holandês de territórios e entrepostos na Costa do Ouro perdurou até 1872, quando eles foram entregues aos ingleses no contexto de uma série de tratados coloniais.

Tudo isso considerado, não deixa de ser curioso e paradoxal que o imaginário brasileiro não costume associar os Países Baixos à atividade escravista, mesmo que sua participação nela não tenha sido nada desprezível. Não existem números precisos, contudo estima-se que eles tenham sido responsáveis por mais de 500 mil africanas e africanos traficados entre 1630 e 1795 (M'BOKOLO, 2008, p. 280s.). Os valores podem atingir cerca de 5 a 10% do número total de escravizados traficados à América.

Isso tudo significa que, quando Amo nasceu perto da virada ao século XVIII, aquele espaço geográfico já se encontrava sob a esfera de influência de Amsterdã, com o tráfico de africanos escravizados em plena expansão. Naquele momento, a exploração marítima do comércio de seres humanos em posses neerlandesas era, afora eventuais atividades clandestinas, monopólio da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WIC). Essa exclusividade se manteve até 1735, quando os holandeses passaram a permitir o livre comércio de escravos. Porém, na prática, a maior parte do mercado holandês passou a ser controlado por uma única empresa, a Companhia Comercial de Middelburg (MCC). Mesmo nessa nova fase, a WIC não deixou de operar com o comércio de pessoas escravizadas, tendo apenas passado a se focar mais na prestação de serviços a outras companhias escravistas.

O destino da esmagadora maioria dos escravizados era as colônias americanas. Seu propósito ali era servir como mão de obra mais ou menos descartável para as produções agrícolas em regime de *plantation*, assim como para as explorações de riquezas minerais. Porém, o destino do jovem Anton Wilhelm Amo foi outro.

NASCIMENTO E FAMÍLIA

Partindo muito provavelmente de Axim, Amo chegou em Amsterdã no ano de 1707. Nenhuma referência documental preservada sobre sua vida relata quaisquer acontecimentos anteriores a isso. Em outras palavras, não temos informações diretas da infância de Amo na África, ao menos nenhuma que tenha sido elaborada quando ele ainda lá vivia. Por isso, muitos preferem contar sua história a partir de sua chegada na Holanda e posterior mudança para a Alemanha. Porém, deixar de considerar o período africano da vida de Amo significa, a meu ver, desperdiçar excelentes oportunidades de reflexão, para não dizer, excelentes oportunidades de afinar o olhar às nuances que atravessam a vida desse pensador.

Então, meu propósito aqui é fazer a experiência especulativa de adentrar no território misterioso e incerto dos primeiros anos do pensador africano. Como não existem registros diretos, o que se pode fazer é uma reconstituição a partir de dados fragmentários de registros mais tardios, além de discutir as conjecturas estabelecidas historicamente pelos pesquisadores de sua biografia. São três as informações que quero investigar e explorar: (1) seu local e (2) sua data de seu nascimento, bem como seu (3) contexto familiar.

De modo geral, já foi mencionado que Amo nasceu na região oeste da Costa do Ouro, por volta do início do século XVIII, provavelmente em uma família nzema. Esses são termos bastante gerais e imprecisos. E, por isso, pode mesmo acontecer de alguém que conheça já algo da literatura sobre Amo estranhar a falta de precisão nessas informações, dado que diversos textos sobre o filósofo africano dão a conhecer locais e datas bem determinados para seu nascimento. Acontece, na verdade, que há muitos equívocos a esse respeito. Então, quero dedicar as próximas páginas a mapear esse terreno.

Uma coisa é certa: a origem geográfica de Amo é a *região* de Axim, na Golfo da Guiné. Nesse ponto, a fonte mais importante é o próprio filósofo. Ele, por exemplo, geralmente assinava suas obras escritas em latim como *Antonius Guilielmus Amo, Guinea Afer*, isto é, “Anton Wilhelm Amo, Africano da [região da] Guiné”² (e.g. AMO, 1734). Além disso, existe um registro datado de 1727, no qual ele informou, ao lado de seu nome, que provinha “*ab Aximo in Guinea Africana*” (ABRAHAM, 1964, p. 61); ou seja, “de Axim, na Guiné, África”. E, há ainda outros documentos com referência à cidade de Axim (e.g. SÄCHSISCHES, 1743, p. 279). Em todo caso, a fonte última de todos eles parecem ser o

² Todas as traduções são de minha responsabilidade.

próprio filósofo. Ou seja, mesmo que ele tenha sido levado de sua terra natal ainda criança, ele sabia de onde vinha.

Bem, mas do modo como a informação se apresenta, há alguma margem para questionar se ele teria nascido precisamente *dentro* da cidade de Axim, ou apenas nas proximidades. Não há como saber. Houve mesmo um importante pesquisador, Buchard Brentjes, que teria identificado uma fonte oral ligando Amo a uma família importante do vilarejo de Nkubeam (também mencionado como Ankonu ou Awukenu), alguns poucos quilômetros a sudeste de Axim (FIRLA, 2002, p. 59). Porém, não é o caso de depositar inteira confiança nessa referência, pois, até o momento, ela não foi confirmada por outros pesquisadores ou fontes escritas ou orais. O professor Sebastian Bemile (2002), por exemplo, relatou ter visitado diversas vezes Axim e Nkubeam, tendo sempre obtido informações pouco seguras e mesmo contraditórias do que poderia ser entendido como uma memória oral preservada sobre Amo entre os habitantes locais³. Portanto, em última instância, a menos que novas fontes sejam obtidas, o que se pode dizer com mais precisão é meramente que Amo nasceu *na região de Axim*.

Vale mencionar também, a título de curiosidade, que é possível encontrar alguns textos, segundo os quais ele teria nascido na famosa cidade de “Axum”, ao invés de “Axim” (e.g. DAVIES, 2008, p. 83). Trata-se de um erro crasso, pois colocaria a origem de Amo em uma cidade na Etiópia, a mais de seis mil quilômetros da Costa do Ouro. De fato, a distância entre Axim e Axum é aproximadamente equivalente à distância entre Axim e a Alemanha!

Apresentada e discutida a questão geográfica, é hora de tratar da questão temporal. É preciso dizer que ninguém conhece a data de nascimento de Amo, nem sequer seu ano de nascimento. Para dizer a verdade, é possível que ele mesmo não conhecesse ao certo sua própria idade. Ele foi traficada à Europa ainda criança e, porventura, pode ser que não tivesse ainda domínio do calendário à época ou, se tinha, pode ser que tenha mesmo esquecido essa informação ao longo do tempo. O fato é que ninguém, nem mesmo ele próprio, nos informou uma data de nascimento precisa em qualquer um dos documentos conhecidos sobre ele. Isso significa que, no fim das contas, pode-se chegar, no máximo, a uma noção aproximada de sua idade em cada momento da vida, com uma margem de erro de cerca de cinco anos.

³ Aqui não se trata, de modo algum, de desvalorizar o saber oral africano, tampouco de atribuir valor apenas à tradição oral que fosse posteriormente confirmada por fontes escritas. O problema da informação levantada por Brentjes é justamente a falta de confirmação e coerência na própria oralidade, como constatado por Bemile.

Mesmo assim, não é difícil encontrar a informação muito disseminada de que ele teria nascido *precisamente* em 1703. Essa data aparece em biografias de Amo no mínimo desde meados do século XIX (cf. BIOGRAPHICAL DICTIONARY, 1843, p. 489; NOUVELLE BIOGRAPHIE, 1852, p. 387; SHORE, 1867, p. 77). No entanto, ela não é confiável. Na realidade, ela é fruto de uma suposição bem pouco rigorosa.

Aparentemente todos que usam a data de 1703 chegaram a ela pelo mesmo raciocínio. A formulação mais conhecida desse raciocínio foi feita pelo filósofo ganês William Emmanuel Abraham, em um importante artigo intitulado *The life and times of Anton Wilhelm Amo*, publicado em 1964. Tudo se baseia em um acontecimento bastante interessante do ano de 1753. A essa altura, Amo era já um homem maduro e retornara à costa africana há alguns poucos anos. Foi nesse momento que o médico de um navio europeu, de passagem pela região de Axim, buscou se encontrar com o filósofo. Esse sujeito era um jovem na casa dos 20 anos chamado David Henrij Gallandat. Tudo leva a crer que eles não se conheciam previamente, mas que o médico conhecia a fama que Amo deixara na Europa. O encontro causou uma forte impressão positiva no jovem europeu, tanto que o registrou em seus cadernos de viagem.

Essa é a única fonte de informações explícitas sobre a vida do filósofo de Axim, depois de seu retorno ao continente africano. E, não seria nenhum exagero dizer que ela poderia facilmente ter se perdido no tempo. Gallandat, até onde se sabe, nunca publicou seu diário em vida. Suas anotações permaneceriam desconhecidas por quase 30 anos até virem a tona – talvez por um golpe de sorte do destino – depois de sua morte, em 1782. Na ocasião ele recebeu uma homenagem da Sociedade Zelandesa de Ciências, da qual era membro, em um texto redigido em holandês por Isaac Winckelman. O texto descrevia algumas das viagens de Gallandat e mencionava passagens de seus diários, inclusive o tal relato do encontro com Amo em 1753.

O estilo do texto deixa pouca margem para dúvidas. Trata-se de uma transcrição adaptada das notas do falecido médico. Porém, não podemos eliminar por completo a possibilidade de que Winckelman tenha feito algumas modificações ou exclusões no texto. A não ser que sejam encontrados os diários originais, não podemos ter certeza se a versão de Winckelman é fiel aos registros de Gallandat. Para piorar, não se trata apenas de desconfiar da transcrição publicada, mas também de reconhecer que não sabemos com que rigor o próprio Gallandat fez suas anotações originalmente. Por exemplo, ele pode as ter escrito enquanto conversava com Amo, ou deixado para registrar tudo de memória semanas ou mesmo meses depois.

Na realidade, esse documento possui pequenas incoerências e inconsistências em algumas datas e outros pormenores. Por isso, é preciso reconhecer que não é adequado se ater completa e cegamente a suas informações. Em outras palavras, o que quero dizer é que, embora pareça conter informações verdadeiras no plano geral, essa fonte deve ser vista com um pouco de desconfiança quando se tratam dos detalhes.

Pois bem, sem mais demoras, vejamos o que diz o documento:

Enquanto estava nessa viagem a Axim, na Costa do Ouro, na África [em 1753], ele [David Henrij Gallandat] foi visitar o famoso Sr. Anton Wilhelm Amo, africano da Guiné, doutor em filosofia e mestre em artes liberais. Ele foi um negro que viveu mais de 30 anos⁴ na Europa. Em 1707, esteve em Amsterdã, e foi concedido ao Duque de Braunschweig, Anton Ulrich, que o deu a seu filho August Wilhelm. Esse o deixou estudar em Halle, e em Wittenberg, onde ele obteve no ano de 1727 o grau de doutor em filosofia e mestre em artes liberais⁵. Algum tempo depois, seu mestre morreu: isso o deixou muito triste, e fez com que ele decidisse retornar à sua terra pátria; Lá, ele vivia então como um eremita, e tinha fama de ser um adivinho [*Gelukzegger*]; falava diversas línguas, hebraico, grego, latim, francês, alto e baixo-alemão [i.e. alemão e holandês]; era muito versado em astrologia e astronomia, e um grande filósofo [*Wysgeer*]; naquele momento, tinha por volta de 50 anos. Seu pai e uma irmã ainda estavam vivos e moravam a quatro dias de viagem em direção ao interior; ele tinha um irmão, que era [ou foi] escravo na colônia do Suriname; depois, ele mudou-se de Axim e passou a morar no Forte de São Sebastião, pertencente à Companhia das Índias Ocidentais, em Chama. (WINCKELMAN, 1782, p. 19s.)



Esse é o único documento conhecido que dá uma informação mais ou menos definida da idade de Amo em um momento preciso de sua vida. Nele reside o cerne do raciocínio que aponta a 1703 como o ano de nascimento do filósofo. Ora, se Amo teria por volta de 50 anos de idade em 1753, logo ele teria nascido por volta de 1703.

Num plano geral, esse raciocínio é perfeitamente válido. O problema principal surge quando a noção de “por volta de” desaparece completamente. É também um problema quando se começa a acreditar que a margem de erro de “por volta de” não seria muito maior do que alguns meses. William Abraham (1964 e 2004), diferentemente de muitas outras fontes, foi geralmente cuidadoso o suficiente para indicar que o nascimento de Amo seria “*por volta de*” 1703, evitando assim cometer o primeiro erro. Porém, apesar desse cuidado, ele acaba incorrendo no segundo erro. Segundo ele, a informação de que o

⁴ Essa informação está equivocada. Sabemos que Amo viveu cerca de 40 anos na Europa.

⁵ Esta data não está correta. Em 1727, Amo estava apenas iniciando seus estudos em Halle. Seu titulação como mestre aconteceu, na verdade, apenas em 17 de outubro de 1730 (BIBLIOTHÈQUE GERMANIQUE, 1731, p. 212).

filósofo tinha 50 anos quando se encontrou com Gallandat deveria ser tomada como uma informação bastante precisa. Na verdade, sob sua ótica, o uso da expressão “por volta de” nesse caso deveria ser considerado apenas como um “hábito acadêmico” de Gallandat ou Winckelman (ABRAHAM, 1964, p. 61). Ou seja, poderíamos concluir, seguindo o raciocínio de Abraham, que Amo teria nascido em 1702, 1703 ou, no mais tardar, em 1704.

Abraham está seguro de que, mesmo que Amo não conhecesse sua própria idade, ele poderia ter sido informado dela pelos parentes que encontrou ao retornar a Axim. E mesmo que esses familiares não estivessem habituados a contar o tempo conforme o sistema ocidental, eles teriam sido capazes de calcular a idade de Amo quando de seu retorno. Isso porque os nzema realizam anualmente um importante e tradicional festival de colheita chamado “Kundum”. Então, os parentes de Amo poderiam usar o número de festivais Kundum realizados desde sua partida na infância como referência, para calcular quanto tempo havia transcorrido até seu retorno.

Sinceramente, não estou em condições de dizer se esse tipo de contagem seria plausível, com a precisão que lhe está sendo atribuída. Abraham, sendo um ganês e aparentemente também um acã, está muito provavelmente mais preparado do que eu para dar essa resposta. Apesar disso, está claro que ele tirou uma conclusão muito apressada. Ele não apenas ignorou a expressão “por volta de” com o argumento um pouco forçado, de que seria mero “hábito acadêmico”, como também desconsiderou que não sabemos de onde saiu a informação de que Amo “tinha [...] 50 anos”. Teria ela sido dita pelo próprio Amo durante a conversa? Ou talvez teria Gallandat registrado sua própria impressão pessoal? Quem sabe, pode ser que essa idade tenha sido informada por uma terceira pessoa não mencionada, com quem o médico eventualmente conversara sobre o filósofo de Axim? Nada nos documentos preservados nos permite saber.

O fato é que Amo foi levado a Amsterdã ainda criança, chegando lá em 1707. Tudo indica que ele foi levado sem nenhum familiar e, portanto, que ele não deveria ser mais tão dependente, tal como seria se fosse ainda um bebê. Ele também parece ter chegado grande o suficiente para reter algumas informações sobre suas raízes. Como já foi dito aqui antes, mas vale frisar novamente: de algum modo, ele sabia quem era e sabia de onde vinha.

Tudo isso me leva a acreditar que ele tinha ao menos 4 anos de idade quando foi levado da Guiné; muito provavelmente seria ainda um pouco mais velho, com algo na faixa dos 6 a 8 anos. No fim das contas, estamos sempre trabalhando com essa margem de erro de alguns anos. Em suma, indicar o nascimento de Amo *por volta de* 1703 é aceitável,

contudo, eu particularmente considero que é mais provável que ele fosse um pouco mais velho quando chegou à Europa e, portanto, prefiro indicar que ele nasceu *por volta de* 1700. A pesquisadora Monika Firla (2002, p. 59), considerando o registro de alguns valores financeiros recebidos por Amo em 1716 na corte de Braunschweig-Wolfenbüttel, chegou ao mesmo resultado: se ele tivesse nascido em 1703 seria ainda muito jovem para receber a quantia de dinheiro obtida naquela ocasião.

Agora, quanto a seu contexto familiar, toda a informação primária que temos está resumida na passagem que citei mais acima e reproduzo novamente aqui: “Seu pai e uma irmã ainda estavam vivos e moravam a quatro dias de viagem em direção ao interior; ele tinha um irmão, que era [ou foi] escravo na colônia do Suriname” (WINCKELMAN, 1782). Em outras palavras, o registro mais explícito preservado sobre a família de Amo se resume a duas frases; aliás, duas frases bastante imprecisas sobre apenas três indivíduos. Nenhum nome, nenhuma idade, nenhuma ocupação social. E, pior ainda, não podemos esquecer que o documento com essas informações é pouco confiável em seus detalhes.

Bem, mas não acho que seja o caso de se contentar com isso e, precisamente por essa razão, vale a pena arriscar algumas conjecturas.

Se Amo tivesse qualquer ascendência europeia imediata, seria de se supor que ela fosse paterna. Digo isso porque a presença de mulheres europeias nos empreendimentos comerciais e coloniais europeus costumava ser diminuto e controlado. Quando surgiam crianças com ascendência mista, negra e branca, eram geralmente descendentes de homens europeus com mulheres africanas. Também seria de se esperar que uma suposta ascendência branca/europeia apareceria vez ou outra nos documentos que mencionam a existência de Amo. Porém, ao contrário disso, ele sempre é referido como um genuíno “africano”, um “negro”, ou um “mouro”⁶. Portanto, não há muito espaço para se duvidar que ele era um homem negro-africano por parte de pai e de mãe.

Estudos sobre os atuais nzema apontam a existência de uma relação estrita entre casamentos, parentesco, poder e terras em sua cultura (e.g. PALUMBO, 1992). De modo geral, os nzema vivem dentro de uma perspectiva matrilinear, na qual poder, posse e direitos derivam do pertencimento a uma linhagem uterina considerada fundadora da ocupação de uma determinada região. A distribuição do poder e da terra para as demais

⁶ A imagem que a palavra “mouro” evoca hoje no Brasil é a de um muçulmano, bérbere ou um árabe, com a pele de tonalidade acobreada, proveniente do norte da África. Contudo, na Europa Central do século XVIII, a palavra “mouro” está associada a qualquer africano, inclusive negros retintos do sul do Saara. Atualmente, a palavra “Mohr” (“mouro”) é considerada politicamente incorreta na Alemanha, mas é possível encontrar ainda muitas referências imagéticas a ela, principalmente na heráldica, em livros, histórias ou cantigas antigas. Via de regra, a imagem evocada nesses materiais é a de um homem de pele preta, sem a necessidade de qualquer relação com bérberes, árabes ou muçulmanos em geral.

famílias de outras matrilineagens, que supostamente chegaram àquele território depois de sua fundação, se dá principalmente pela tecitura de alianças com as famílias estabelecidas, muito frequentemente por meio de casamentos.

Considerando que o desenho geral dessas lógicas culturais também vigorasse no tempo de Amo, o fato de que praticamente não há informações preservadas sobre a família e a infância de Amo, gera a desconfiança de que sua linhagem não possuiria especial poder e prestígio entre os nzema de Axim. Digo isso, porque o sistema social nzema parece gerar uma tendência de que as histórias das linhagens dominantes se preservem mais, pois delas depende a própria manutenção da estabilidade social ao longo do tempo.

Olhando agora mais de perto para as relações de parentesco, é preciso frisar mais uma vez que a figura materna é central na sociedade nzema. É ela que garante o pertencimento familiar primário de cada indivíduo. Ou seja, é da mãe que deriva, por fim, o direito à herança, a projeção de certa influência social e política, acesso às terras cultiváveis etc (NYAME e TOMEKYIN, 2018). Por isso, a falta de informações sobre a mãe de Amo é tão lamentável.

Pois bem, de acordo com o relato de Gallandat, sabemos que Amo foi capaz de encontrar seu pai e uma irmã nas proximidades de Axim. Todavia, é preciso dizer que existe uma pequena possibilidade de que essas duas pessoas não sejam precisamente o “pai” e a “irmã” dele, ao menos não no sentido que essas palavras possuem nas línguas ocidentais.

Se Amo tinha mesmo por volta de 4 a 8 anos quando foi traficado à Europa, é esperado que ele possuísse à época um domínio relativamente bom do idioma local, conhecido como língua nzema ou appolo. É claro que, depois de 40 anos sem poder praticá-lo, ele certamente o esqueceu na vida adulta. Contudo, não seria nenhuma surpresa se, após seu retorno a Axim, ele tivesse reaprendido esse idioma rapidamente; não só porque ele era aparentemente muito talentoso com o manejo de diversas línguas, mas principalmente porque ela seria muito útil em sua nova realidade, além de ser propriamente sua língua materna. Também é bastante plausível que, mesmo que Amo não tivesse internalizado na infância qualquer elemento da língua nzema, ele deveria certamente tê-la aprendido na vida adulta depois de seu retorno ao continente africano. Então, parece coerente supor que Amo conhecia ao menos sete línguas em 1753: hebraico, grego, latim, francês, alemão, holandês e nzema⁷.

⁷ De fato, o relato da poliglotia do filósofo não parece ser exagerado. Em uma obra de Amo chamada *Sobre a impassividade da mente humana*, por exemplo, é possível vê-lo manejando com certa tranquilidade quatro

Acontece que, entre os nzema, as designações familiares não são equivalentes aos padrões ocidentais. Portanto, os termos de parentesco da língua nzema são apenas parcialmente traduzíveis para as línguas ocidentais. Por exemplo, segundo um estudo de Berardino Palumbo (1992, p. 235), “o termo *egya*, usado por um indivíduo para indicar seu próprio pai [...] estende-se a numerosas outras pessoas”, inclusive “irmãos uterinos reais e classificatórios (*adiema*) do pai e os filhos das irmãs reais e classificatórias daquele indivíduo”. Ainda segundo Palumbo (p. 255), são também designados como *egya* “meio-irmãos reais do pai (filhos do mesmo pai, mas de mães diferentes: *azɛama*), o marido da irmã da mãe, e o marido da irmã do pai”. Algo semelhante acontece com os termos relativos a “irmão” e “irmã”, “filho” e “filha”: designam na língua nzema um conjunto grande de indivíduos não compreendidos pelas terminologias europeias. Isso significa que não é correto ignorar a hipótese de que os parentes de Amo, descritos no relato de Gallandat, não sejam um pai, uma irmã e um irmão segundo uma perspectiva europeia, senão um pai, uma irmã e um irmão segundo uma perspectiva africana.

Todavia, apesar de eu defender que a hipótese de parentalidades africanas faz sentido, penso que é mais provável que os parentes de Amo no relato de Gallandat tenham sido descritos segundo o padrão europeu. Àquela altura, seria de se esperar que Amo teria a capacidade de manejar bem o suficiente os conceitos europeus e africanos para traduzir suas relações de parentesco com precisão para Gallandat. Porém, para ser sincero, nada garante que ele tenha sequer querido fazer isso. Então, não podemos excluir completamente a possibilidade de que o filósofo não tenha encontrado, por exemplo, seu pai-progenitor em sua terra natal, mas, quiçá, seu pai-marido-da-irmã-da-mãe, ou ainda outro de seus “pais”. O mesmo vale para sua irmã.

Uma outra informação que chama muita atenção sobre a família de Amo é a de que ele teria sido escravizado na América do Sul, mais especificamente na colônia holandesa do Suriname. Que irmão seria esse? Ele teria sido mesmo escravizado? Quando teria começado seu cativeiro? Como Amo ou Gallandat teriam condições de saber que o tal irmão esteve precisamente no Suriname? Provavelmente nunca teremos respostas seguras a essas perguntas.

Aquele que parece ter ido mais longe nessa questão até o momento foi Abraham (1964, p. 62s., e 2004, p. 198). Ele defende fundamentalmente duas hipóteses muito interessantes sobre o destino do irmão de Amo.

línguas (i.e. latim, grego, francês e alemão). A informação de que ele dominava o holandês também parece ser confiável, já que ela deriva de Gallandat, ele mesmo um falante de holandês.

A primeira é a de que ele não teria sido verdadeiramente escravizado, mas, ao invés disso, teria atuado como soldado voluntário da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WIC). Isso porque, naquele período, a companhia teria feito recrutamentos na região para sustentar empreendimentos coloniais na Indonésia e no Suriname. Nessas condições, seria mais provável que a família do filósofo conhecesse o paradeiro de seu irmão, podendo informá-lo dele depois de seu retorno à África. Nesse sentido, a ideia de que ele teria sido um escravo no Suriname seria apenas fruto de um erro de interpretação cometido por Gallandat ou Winckelman.

A segunda hipótese, é a de que ele teria sido efetivamente escravizado, porém ilegalmente. Ora, embora possamos imaginar erroneamente que o escravismo moderno era pura e simplesmente um sistema caótico e desregrado de dominação, na verdade, ele era cercado por um conjunto enorme e complexo de relações formais e mesmo jurídicas. Isso significa que, para que os holandeses pudessem desfrutar com relativa estabilidade do tráfico negreiro, era preciso estabelecer certos padrões que discerniam quem poderia ser escravizado e quem não poderia. E, justamente pela existência dessas distinções, algumas africanas ou africanos escravizados poderiam ser considerados escravos ilegais. Por conseguinte, os escravizadores que estivessem agindo contra as regras vigentes poderiam, eventualmente, ser acionados administrativa e judicialmente por isso.

Considerando esse pano de fundo, os estudos de William Abraham o levaram a conhecer um curioso registro do arquivo da WIC. Trata-se de um comunicado ao diretor da companhia em Elmina, uma cidade próxima a Axim, que funcionava como uma espécie de sede regional da WIC. Em 1749, foram repatriados seis africanos da região, que haviam sido ilegalmente traficados e vendidos como escravos no Suriname por um tal de Capitão Christian Hogeroop. Consta que a repatriação havia sido difícil e custosa, e que Hogeroop havia sido “capturado e posto à ferros”, conforme a requisição do irmão e parentes de Atta, um dos indivíduos escravizados ilegalmente. O diretor da WIC em Elmina deveria então comunicar o acontecido aos parentes de Atta e, infelizmente, informá-los que o próprio não tinha sido encontrado com vida e, por isso, não fora repatriado. O diretor foi também instruído a negociar com o irmão e parentes de Atta, caso eles não estivessem satisfeitos com os encaminhamentos dados, caso continuassem fazendo reivindicações, e caso o próprio diretor entendesse que a situação poderia gerar “consequências ruins”. E, por fim, ele foi autorizado a lhes oferecer uma indenização de no máximo 6.800 florins, ou encontrar outra forma mais econômica de resolver a situação.

Pois bem, o nome do irmão de Atta nunca é revelado, mas Abraham está convencido que seria não poderia ser outra pessoa, senão Anton Amo. De fato, Amo já se encontrava de volta à Costa do Ouro desde 1747⁸, portanto há cerca de 2 anos quando o comunicado da WIC foi emitido. Também sabemos que Amo tinha conhecimento jurídico das bases do direito europeu, já que o havia estudado na Universidade de Halle. Sabe-se mesmo que ele chegou a redigir em 1729 uma dissertação que usava da história das relações entre Europa e África, bem como do direito romano, para defender a ilegalidade da escravidão (WÖCHENTLICHE, 1729, p. 271ss.). De fato, temos muitos motivos para acreditar que se havia uma pessoa em 1749 naquela região em condições de defender a repatriação de pessoas escravizadas, manobrando com as próprias brechas do sistema jurídico europeu, essa pessoa seria Anton Wilhelm Amo.

Curiosamente, “Atta” ou Ata” é, entre os acã, um nome frequentemente atribuído a um dos irmãos quando se têm gêmeos. Por isso, espalhou-se a ideia de que Amo e Atta não só seriam irmãos, mas também que seriam gêmeos (e.g. ABRAHAM, 2004; e NASCIMENTO, 2018). Mas, por mais que seja perfeitamente plausível que Amo estivesse por trás dessa reivindicação de repatriação de escravizados ilegais, não há elementos suficientes para ter certeza disso. Não há como ter certeza, principalmente, se Amo seria efetivamente o mencionado irmão de Atta, muito menos de que era seu gêmeo, nem mesmo se a palavra “irmão” deve ser tomada numa acepção europeia ou nzema. Tampouco temos, por ora, condições de saber se ele não seria apenas um conhecido da família e estaria, por exemplo, atuando nos bastidores para auxiliá-la a reencontrar seu membro sequestrado. Não se sabe sequer se ele chegou a tomar conhecimento do caso.

UMA CRIANÇA TRAFICADA

Até hoje não foram encontrados documentos que esclarecessem as condições precisas da chegada do jovem Amo à Europa. Mas, mesmo assim, podemos afirmar com segurança que ele aportou em Amsterdã⁹ em 1707 pelas mãos da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WIC). De fato, ele mesmo é a origem dessas informações, que estão preservadas em duas fontes primárias. Ele relatou isso a Gallandat em seu já citado

⁸ Sabemos disso graças ao registro de uma solicitação de repatriação gratuita feita por Amo à WIC em 1746. Tal solicitação encontra-se preservada no arquivo da WIC, *Inventaris van het archief van de Tweede West-Indische Compagnie (WIC), (1624) 1674-1791 (1800)*, arquivo nº 1.05.01.02, 401.

⁹ O filósofo camaronês Jacob Mabe (2007) dá como certo que ele passou algumas semanas ou meses em Roterdã. Não parece ser impossível que ele tenha, de fato, passado pelas duas cidades holandesas, porém Mabe não apresenta a fonte primária de sua afirmação.

encontro de 1753, e também mencionou o fato na requisição que enviou em 1746 à WIC. Isso significa que ele deve ter partido de Axim entre o segundo semestre de 1706 e o primeiro de 1707.

A questão é: por que ele foi levado, afinal? Entre os pesquisadores de sua trajetória são defendidas duas hipóteses. A primeira é que ele poderia ter sido enviado por sua própria família, com propósitos religiosos. A segunda é que ele teria sido escravizado na África. Não foram encontradas ainda provas históricas, que permitam decidir definitivamente entre as duas versões, ainda que se possa trabalhar com indícios e evidências. De minha parte, estou convencido que, infelizmente, a segunda explicação é a mais plausível.

Via de regra, quem acredita que a família o teria enviado à Europa especula que o propósito da viagem seria adquirir uma formação missionária cristã. Eles geralmente se baseiam em três argumentos principais. Primeiro, quando adentrou o território europeu, Amo seria supostamente jovem demais para guardar lembranças de suas origens africanas, logo alguém teria que lhe falar sobre elas mais tarde. Segundo senhores de escravos e companhias escravistas normalmente estavam, a princípio, mais preocupados em apagar qualquer identidade dos escravizados do que em guardá-las, logo não seria de se esperar que eles preservassem a história de sua origem. Terceiro, houve de fato casos de crianças africanas que se tornaram missionários depois de estudarem na Europa, enviadas pelas próprias famílias.

Via de regra, tais crianças eram membros de famílias associadas às elites africanas que tivessem relações relativamente boas com os estrangeiros europeus. O Congo, por exemplo, cujo manicongo Nzinga a Nkuwu, também conhecido como João I depois de sua conversão ao cristianismo em 1491, estabeleceu relações profundas com Portugal ainda no final do século XV (REGINALDO, 2015). A partir de então, por diversas vezes, os soberanos do Congo enviaram jovens da aristocracia local para estudarem em Portugal. Nos primórdios do século XVI, o manicongo Afonso I (Mvemba a Nzinga) enviou, entre outros jovens, seu próprio filho Henrique Kinu a Mvemba ao país ibérico. Este chegou inclusive a ser nomeado bispo da igreja católica alguns anos mais tarde.

Mesmo a Costa do Ouro sob influência holandesa teve seus casos de crianças livres destinadas a serem conduzidas aos estudos na Europa. Mas, antes de falar dessas crianças, preciso antes apresentar rapidamente um outro africano que estudou na Europa tendo vivido inicialmente uma condição de escravidão.

Nascido em 1717, ele havia sido capturado e escravizado na região da Costa do Ouro com cerca de 7 ou 8 anos de idade. Ele viria a ser conhecido como Jacobus Capitein. Uma série de reviravoltas o levaram à Holanda, onde ele obteve acesso aos estudos teológicos, convertendo-se em um grande devoto e nutrindo o desejo de retornar em missão catequética à África. De 1742 até sua morte precoce em 1747, ele serviu de sacerdote e professor no forte holandês em Elmina.

Obviamente, Capitein, tendo sido escravo, não era um daqueles jovens enviados voluntariamente à Europa. Mas ele acabou se ligando à história de alguns deles. Consta que Capitein era intelectualmente muitíssimo talentoso e relatos sobre ele teriam chegado a Poku¹⁰, o soberano axante em Kumasi na ocasião. Nesse período, a aristocracia axante possuía relações relativamente estáveis com os holandeses. Como consequência, o soberano resolveu enviar 12 garotos e 2 garotas à Holanda para que estudassem, sob o pagamento de 10 presas de marfim. Dessas 14 pessoas, apenas uma foi enviada de fato à Europa, sendo as demais alocadas sob os cuidados de Jacobus Capitein na escola do Castelo de Elmina. (BARTELS, 1959)

Então, não era de todo impossível que algo semelhante acontecesse com o filósofo Anton Amo. Porém, nesse caso específico, há muitos problemas na hipótese de que a família o teria entregue aos holandeses para uma formação missionária. A começar porque essa suposta pretensão de criar um pregador cristão não é sequer sugerida em nenhuma fonte primária sobre ele. Tampouco parece que Amo teria feito qualquer movimento nesse sentido, seja por vontade própria ou coação.

Além disso, se ele tivesse sido enviado pela própria família, ela deveria, a princípio, pertencer à aristocracia africana local. Esse é o caso dos relatos acima, relativos ao Congo e Axante. No entanto, como já foi dito, há pouca razão para acreditar que sua família teria sido particularmente poderosa na região.

Mesmo essa ideia, de que Amo seria jovem demais para se lembrar de suas origens, depende fundamentalmente da teoria de que sua chegada em Amsterdã não teria acontecido depois dos 3 ou 4 anos de idade. Porém, como já argumentei anteriormente, é perfeitamente plausível, senão mesmo o mais provável, que ele tenha aportado na Holanda um pouco mais velho, na casa dos 6, 7 ou 8 anos. Ora, e nisso, Amo não seria sequer um caso isolado. O recém-apresentado Jacobus Capitein, que sem dúvida nenhuma foi escravizado com cerca de 7 ou 8 anos, também se lembrava de suas origens.

¹⁰ Trata-se aparentemente do asantehene Opoku Ware I.

Portanto, a hipótese de que sua família teria sido responsável por sua migração à Europa Central é uma hipótese fraca. Que ele tenha sido escravizado é, a meu ver, uma explicação mais condizente com as informações que temos sobre sua família, com as atividades da Companhia Holandesa na região, e com seu posterior destino. A menos de que sejam encontradas novas evidências que fortaleçam a tese da formação missionária, somos levados a trabalhar com o pressuposto de que Amo foi uma criança africana escravizada.

Isso posto, por que, afinal de contas, ele foi enviado à Europa e não à América, como o era o caso da esmagadora maioria dos escravizados das potências europeias no período?

O fato é que, embora os principais mercados consumidores de pessoas escravizadas estivessem em território americano, não era absolutamente inusitado que africanos e africanas fossem negociados como mercadoria na Europa do século XVIII. Estimativas apontam que, ao longo da história do tráfico atlântico, a Europa pode ter sido o destino de cerca de 200 mil seres humanos escravizados. (DORIGNY e GAINOT, 2017, p. 29)

E nesse sentido, o fato de Amo ser apenas uma criança talvez tenha contribuído para determinar seu destino. Naquele momento, o tráfico de escravizados fluía livremente e sem grandes perturbações. Não havia qualquer indício de que ele pudesse cessar a curto, médio ou mesmo longo prazo. Na realidade, o mundo via o tráfico negreiro aumentar mais e mais, uma tendência que se manteve por mais de um século ainda. Isso desenhava um cenário, no qual o tráfico de homens africanos adultos para a América era mais lucrativo do que o de crianças e mulheres. No caso das crianças, a expectativa era de que elas demoravam a atingir o nível de produtividade dos adultos na economia escravocrata americana¹¹. Portanto, elas eram menos valorizadas no mercado. Em outras palavras, talvez a WIC tenha achado mais vantajoso transportar o pequeno Amo à Europa, pois lá havia maior interesse na aquisição e formação de serviços domésticos de luxo, uma tarefa para qual era geralmente mais fácil “moldar” escravizados jovens.

REFERÊNCIAS

¹¹ Como mera mercadoria, o preço das pessoas africanas escravizadas variou enormemente ao longo dos séculos. Via de regra, em cenários de maior disponibilidade e menor preço, os mercados americanos davam preferência a compra de homens adultos (cf. M'BOKOLO, 2008).

ABRAHAM, William E. "Anton Wilhelm Amo". In: WIREDU, Kwasi (ed.). **A Companion to African Philosophy**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

ABRAHAM, William. The life and times of Anton Wilhelm Amo. **Transactions of the Historical Society of Ghana**, vol. 7, 1964, pp. 60-81.

ARHIN, Kwame. The structure of Greater Ashanti (1700-1824). **Journal of African History**, vol. 8, n. 1, 1967.

AMO, Antonius Guilielmus. **Dissertatio inauguralis philosophica de humanae mentis απαθεια seu sensionis ac facultatis sentiendi in mente humana absentia et earum in corpore nostro organico ac vivo praesentia**. Wittenberg: Officina Schlomachiana, 1734.

AMO, Anton Wilhelm. **Sobre a Impassividade da Mente Humana**. Versão 09-jun-2020. Disponível em: <<http://amoifer.wordpress.com/apatheia-ebook/>>. Acesso em 05/01/2021.

BARTELS, F. L. Jacobus Eliza Johannes Capitein, 1717-47. **Transactions of the Historical Society of Ghana**, vol. 4. n. 1, 1959.

BEMILE, Sebastian. **Anton Wilhelm Amo, from a Ghanaian Slave-Child to a German Professor and Philosopher**. 2002. Disponível em <<http://www.afrst.illinois.edu/news/archive/seminar/documents/sem-bemile-2002.pdf>>. Acesso em 05/01/2021.

BIBLIOTHÈQUE GERMANIQUE ou Historie littéraire de l'Allemagne, de la Suisse et des Pays du Nord – année MDCCXXXI. Vol. 22. Amsterdam: Pierre Humbert, 1731.

DAVIES, Carole Boyce. **Encyclopedia of the the African Diaspora: Origins, Experiences, and Culture**. Vol. 1. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2008.

DORIGNY, Marcel; GAINOT, Bernard. **Atlas das escravidões: da Antiguidade até nossos dias**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira; cartografia de Fabrice Le Goff. Petrópolis: Vozes, 2017.

FERREIRA, Roquinaldo. A primeira partilha da África: decadência e ressurgência do comércio português na Costa do Ouro (ca. 1637 – ca. 1700). **Varia Historia**, vol. 26, n. 44, pp. 479-498, jul./dez. 2010.

FIRLA, Monika. Anton Wilhelm Amo (Nzema, heute Republik Ghana): Kammermohr – Privatdozent für Philosophie – Wahrsager. **Tribus: Jahrbuch des Linden-Museums**, Nr. 51, Stuttgart, Dezember 2002.

MABE, Jacob Emmanuel. **Anton Wilhelm Amo interkulturell gelesen**. Nordhausen: Traugott Bautz, 2007.

MACEDO, José Rivair. **Antigas Sociedades da África Negra**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. Tomo I (até o século XVIII). Tradução de Alfredo Margarido. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2008.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Anton Wilhelm Amo: filósofo negro no Iluminismo e a descolonização da filosofia nas escolas. **Kínesis**, vol. X, n. 24 (Edição Especial), dezembro de 2018, pp. 179-195.

NYAME, John; TOMEKYIN, Cecilia. Social construction of masculinity and femininity as portrayed in Nzema proverbs. **International Journal of Innovative Research and Advanced Studies**, vol. 5, i. 7, July 2018.

NOUVELLE BIOGRAPHIE Universelle depuis les temps les plus reculés jusqu'a nos jours. Tome deuxième. Paris: Firmin Didot Frères, 1852.

PALUMBO, Berardino. Marriage, Land, and Kinship in a Nzema Village. **Ethnology**, v. 31, n. 3, jul. 1992, pp. 233-257.

REGINALDO, Lucilene. André do Couto Godinho: homem preto, formado em Coimbra, missionário no Congo em fins do século XVIII. **Revista de História**, n. 173, pp. 141-174, jul.-dez. 2015.

SÄCHSISCHES Curiositäten-Cabinet, auf das Jahr 1743. Dresden: P. G. Mohrenthalen, 1743.

SHORE, Thomas Teignmouth (ed.). **Cassell's Biographical Dictionary**. London; New York: Cassell, Petter, and Galpin, 1867.

The BIOGRAPHICAL DICTIONARY of the Society for the Diffusion of Useful Knowledge. Vol. II, part II. London: Longman, Brown, Green, and Longmans. 1843.

VALSECCHI, Pierluigi. **Power and State Formation in West Africa: Appolonia from the Sixteenth to the Eighteenth Century**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

WIC. **Inventaris van het archief van de Tweede West-Indische Compagnie (WIC), (1624) 1674-1791 (1800)**. Arquivo nº 1.05.01.02, 401, pp. 20124-125. Disponível em <https://www.nationaalarchief.nl/en/research/archive/1.05.01.02/invnr/401/file/NL-HaNA_1.05.01.02_401_0145>. Acesso em 02/01/2021.

WINCKELMAN. <Sem título>. In: **Verhandelingen uitgegeven door het Zeeuwsch Genootschap der Wetenschappen te Vlissingen**. Negende Deel. Middelburg: Pieter Gillissen, 1782.

WÖCHENTLICHE Hallische Frage- und Anzeigungs-Nachrichten, n. XVIII, Halle, 28 de novembro de 1729.

RECEBIDO EM: 02/09/2021
PARECER DADO EM: 11/10/2021